

## DO INSULTO AO RIDÍCULO, DO RIDÍCULO À CRÍTICA HUMORÍSTICA

## FROM INSULT TO RIDICULOUS, FROM RIDICULOUS TO HUMORISTIC CRITICISM

Ana Cristina Carmelino (Unifesp)<sup>1</sup>

Paulo Ramos (Unifesp)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo busca refletir sobre uma tese antiga que perpassa os estudos retóricos. É a que defende que o uso do ridículo pode ser útil em certas situações. O tema será analisado a partir de um ato insultuoso, ocorrido na invasão aos prédios dos Três Poderes, em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023. O vídeo foi reproduzido com destaque em redes sociais e se tornou mote de várias charges. Cinco delas foram selecionadas para serem analisadas, dada a representatividade que cada uma apresenta. O objetivo principal é mostrar como as charges reprisaram a atitude ofensiva como forma de criticá-la, de maneira humorística, por meio do ridículo. A reflexão é fundamentada nos pressupostos teóricos da Retórica e da Nova Retórica, especialmente no que concerne ao ridículo.

**Palavras-chave:** Charge; insulto; ridículo; risível.

**Abstract:** This article seeks to reflect on an old thesis that pervades rhetorical studies. That is the one that argues the use of ridicule can be useful in certain situations. The theme will be analyzed from an insulting act, which occurred in the invasion of the Três Poderes buildings in Brasília, on January 8th, 2023. The video was prominently reproduced on social networks and became the motto of several cartoons. Five of them were selected to be analyzed, given the representativeness that each one presents. The main objective is to show how the cartoons reprised the offensive attitude as a way of criticizing it, in a humorous way, through ridicule. The reflection is based on the theoretical assumptions of Rhetoric and New Rhetoric, especially with the aim of ridicule.

**Keywords:** Political Cartoon; insult; ridicule; laughable.

### Considerações iniciais

O dia 8 de janeiro de 2023 ficou marcado na história do Brasil. Não se sabe ao certo como a data será nomeada futuramente pelos historiadores. “Tentativa de golpe de Estado”? “Invasão aos prédios dos Três Poderes”? “Dia de ataque à democracia”? O fato é que uma semana após a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), um grupo de apoiadores do candidato derrotado, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), invadiu e depredou as sedes dos Três Poderes, em Brasília. Vestidos de verde e amarelo, milhares de pessoas, que estavam acampadas diante do quartel-general do Exército na capital do país, dirigiram-se para a Esplanada dos Ministérios por volta das 15h e, em poucas horas, devastaram o patrimônio público.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: anacris Carmelino@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7576-0595>

<sup>2</sup> Doutor em Filologia e Língua Portuguesa. Docente do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: [contatopauloramos@gmail.com](mailto:contatopauloramos@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9348-4176>

Dentre os atos de vandalismo praticados nas áreas externas e internas dos prédios – o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (STF) –, destacam-se vidraças quebradas, móveis e objetos destruídos e arremessados para fora do local, equipamentos eletrônicos destruídos, documentos rasgados e espalhados, obras de arte danificadas, janelas e paredes pichadas. Conforme registro de Camazano (7 fev. 2023 - atualizado)<sup>3</sup>, “um levantamento do Supremo aponta um ritmo alucinante de destruição do patrimônio público [...], foram elencados 576 objetos danificados ou destruídos, entre obras de arte, móveis e equipamentos de informática”. Um prejuízo estimado em milhões.

Após o ocorrido, o presidente Lula instaurou uma intervenção federal no Distrito Federal para conter a manifestação. Centenas de pessoas foram detidas, incluindo autoridades. Muitas delas tiveram a prisão em flagrante convertida em preventiva. Segundo foi noticiado, a organização do ato havia começado no mês anterior. A expressão “Festa da Selma” – a palavra “Selva”, termo militar para grito de guerra, foi trocada por “Selma” a fim de disfarçar a mobilização – havia sido usada desde 27 de dezembro nas redes sociais e em grupos de conversa para a convocação dos atos antidemocráticos (cf. MACHADO, 9 jan. 2023)<sup>4</sup>.

Os prédios invadidos começaram a ser desocupados pelas forças de segurança por volta das 16h do mesmo dia e ficaram liberados antes das 18h30. Para isso, no entanto, foi necessária a intervenção das polícias Militar e Federal. A ação foi feita de diversas formas: no ar, com helicópteros atirando bombas de gás; no chão, carros blindados, tropa de cavalaria e soldados usando bombas de efeito moral, tiros de borracha, jatos de água e spray de pimenta. Cessados os atos de vandalismo, o STF ordenou que os acampamentos fossem demolidos. Com isso, as bases bolsonaristas no entorno de quartéis foram desmobilizadas (cf. CAMAZANO, 7 fev. 2023 – atualizado)<sup>5</sup>.

No que tange à repercussão do ato, muitas pessoas foram detidas. Dentre os envolvidos na operação Lesa-Pátria, que podem responder por crime contra o Estado democrático de Direito, estão os flagrados na tarde do ataque na Esplanada, os que estavam no acampamento do quartel-general, os suspeitos de financiar a manifestação, o ex-chefe de setor da PM e mais três policiais do Distrito Federal. Segundo a análise da situação dos presos feita no final de janeiro pelo ministro Alexandre de Moraes, “dos 1.406 detidos, 942 tiveram a prisão em flagrante convertida em preventiva (sem prazo determinado) e 464 obtiveram liberdade provisória, mediante medidas cautelares” (cf. CAMAZANO, 7 fev. 2023 – atualizado)<sup>6</sup>.

Convém ressaltar que muitos dos atos de vandalismo e depredação cometidos pelos invasores foram fotografados, filmados e publicados nas redes sociais, inclusive pelos próprios vândalos. Entre a pluralidade de imagens, muitas configuram como símbolo do desrespeito aos Três Poderes. Além do que foi já mencionado, citem-se fotos de ex-presidentes rasgadas; exemplar da Constituição degradado por fogo; Brasão de República retirado do plenário; maquete tátil do congresso e bancada de votação destruídos (cf. RELATÓRIO, 2 marc. 2023)<sup>7</sup>. Houve, no entanto,

<sup>3</sup> CAMAZANO, Priscila. Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos. Política, **Folha de S.Paulo**, atualizada em 7 fev. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>. Acesso em: 27 mar. 2023.

<sup>4</sup> MACHADO, Simone. Festa da Selma!: como redes sociais foram usadas para ataques ao Congresso, **Tilt**, **UOL**, 9 jan. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2023/01/09/como-redes-sociais-ajudaram-na-invasao-ao-congresso-em-brasilia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 27 mar. 2023.

<sup>5</sup> CAMAZANO, Priscila. Entenda os ataques golpistas de 8 de janeiro e seus desdobramentos. Política, **Folha de S.Paulo**, atualizada em 7 fev. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/entenda-os-ataques-golpistas-de-8-de-janeiro-e-seus-desdobramentos.shtml>. Acesso em: 27 mar. 2023.

<sup>6</sup> Op., cit.

<sup>7</sup> RELATÓRIO vistoria de bens culturais afetados por vandalismo praça dos três poderes – Brasília/DF, Brasília, 2 mar. 2023. Disponível em: [https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/20230302\\_Iphan\\_DF\\_Relatorio\\_de\\_vistorias\\_41.pdf](https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/20230302_Iphan_DF_Relatorio_de_vistorias_41.pdf). Acesso em: 27 mar. 2023.

um ato que pode ser considerado o ícone do ultraje: um dos invasores abaixou a calça e simulou defecar em uma das salas do STF no momento em que as pessoas estavam fazendo a destruição.

Este artigo tem como proposta central analisar especificamente o caso dessa imagem. Ela foi utilizada como tema de charge por diversos cartunistas. O objetivo é mostrar como as charges reproduziram o insulto como forma de criticá-lo, de maneira humorística, por meio do ridículo. Confirma-se, por meio das análises, uma tese antiga: a de que o ridículo pode ser útil, uma vez que funciona como um meio para denunciar atitudes excêntricas. Dar visibilidade a essa tese é um dos focos deste texto.

De teor crítico-humorístico, as charges constituem um gênero assinado, opinativo, multimodal, que versa sobre objetos reais (situações, fatos, acontecimentos, pessoas — políticos ou não) que a sociedade (ou parte dela) conhece, mas que são recriados ficcionalmente com recursos gráficos. Vinculada ao noticiário, uma das marcas dessa produção é o caráter intertextual, cuja interpretação requer memória sobre o caso a que remete (cf. CARMELINO, 2022).

Por se tratar de produções tendencialmente humorísticas, as charges se incluem no campo do humor<sup>8</sup>. Entendido dessa forma, esse fenômeno complexo é fruto de determinadas regras sociais específicas, tem seu universo, empreende diversas funções, apresenta diferentes teorias, aborda qualquer assunto, permeia uma variedade de gêneros e circula em diferentes espaços (cf. POSSENTI, 2018). Para os propósitos deste texto, importa salientar que o humor, com objetivo de criticar, é compreendido como a criação intencional de um objeto risível que visa à adesão do auditório.

A análise irá observar cinco charges produzidas após os ataques de 8 de janeiro. Os casos foram veiculados em redes sociais e foram selecionados pela representatividade que cada um traz para a abordagem que se pretende fazer, a saber, o diálogo entre insulto e ridículo. A abordagem sobre o tema será feita pelas perspectivas da Retórica e da Nova Retórica.

## 1 A atitude e seus (possíveis) sentidos

Figura 1: Bolsonaroista simula defecar em sala do STF



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/10/como-urina-e-fezes-devem-revelar-identidade-dos-bolsonaristas-no-df.htm>

<sup>8</sup> Sob o olhar da Linguística, Possenti (2018) defende a tese de que o humor é um campo. Segundo o autor, não se trata de defini-lo, mas de enquadrá-lo numa categoria mais ampla.

A imagem mostrada na Figura 1 certamente foi a que serviu de mote às charges em análise neste texto: um homem com a bandeira do Brasil nas costas e chapéu de palha aparece agachado, com a calça abaixada, em cima de um móvel, como se estivesse defecando. A cena faz parte de um vídeo divulgado nas redes sociais e em grupos do WhatsApp<sup>9</sup> e mostra um dos que invadiram a sede dos Três Poderes no dia 8 de janeiro de 2023. Após a atitude escatológica, a pessoa se levanta, sobe a calça, salta do móvel, dá um grito rindo (“Irririrri”), em comemoração ao ato, e diz “ca-”, do qual subentende-se “caguei”, pois houve um corte no vídeo.

Embora a cena reproduzida fosse apenas simulação, houve registros de que materiais orgânicos, como sangue, urina e fezes, foram deixados pelos invasores nos ataques aos prédios dos Três Poderes (cf. SAID, 9 jan. 2023)<sup>10</sup>. É sabido que a ação de defecar ou “cagar” (forma potencialmente usada pelo vândalo) refere-se ao ato natural de “descarregar as fezes do intestino pelo ânus” (BORBA, 2002). Praticada em público (local inapropriado), no entanto, conota uma ação-tabu. O tabu refere-se à proibição da prática de qualquer atividade social que seja moral, religiosa ou culturalmente reprovável, cuja violação pode acarretar castigo divino, culpa, constrangimento, vergonha (cf. GUÉRIOS, 1979).

No que tange ao uso da expressão “caguei” (perceptível a partir de “ca-” (caguei)), pode-se dizer que se trata de um disfemismo. Ao tratar das “excreções do corpo”, no tópico nomeado de “decência: o corpo”, Kröll (1984) salienta que há uma tendência de as pessoas evitarem mencionar as necessidades do corpo, mas, quando são obrigadas, isso é feito “com palavras encobertas”, ou seja, busca-se fazer uso de uma forma eufemizada, do contrário, soaria descortês, disfêmico. Para o autor:

Empregamos, na maior parte das vezes, expressões vagas ou termos atenuantes para não ofender a sensibilidade das outras pessoas e a nossa própria. Seria um atentado contra os preceitos da cortesia servirmo-nos de expressões indecorosas para nos referirmos às necessidades do corpo (KRÖLL, 1984, p. 89).

Nesse sentido, o verbo “cagar” comporta uma interdição. Ainda segundo Kröll (1984, p. 90), “o verbo vulgar e grosseiro cagar é eufemizado com muita frequência. Termos eruditos como defecar, dejectar, eclodir, evacuar, exonerar (o corpo ou o ventre) podem servir para velar o ato de evacuação”. E quando o termo deixa de ser usado em sentido próprio, como acontece no caso em questão? É preciso considerar que, conotativamente, o termo “cagar” (ou a ação a que se refere) apresenta vários outros sentidos: “sujar-se”, “desconsiderar, desprezar”, “sair-se mal”, “apavorar-se, acovardar-se”, “pôr tudo a perder, errar”, “fazer algo malfeito” e “insultar, ofender” são algumas das ocorrências mais comuns da expressão (cf. BORBA, 2002).

Em se tratando do possível sentido da simulação da ação de “cagar” e da pronúncia do termo pelo vândalo, pode-se dizer que o propósito foi insultar, ofender: o comportamento busca atingir a dignidade ou a honra de outrem (no caso, o STF e, ao mesmo tempo, as instituições legislativa e executiva brasileiras). De valoração negativa (considerado de pouca classe), “insultar” é um ato que as pessoas realizam com frequência e desinibição. É o que registram Luque, Pamies e Manjón (1997), autores da obra *El arte del insulto*. Haveria uma explicação para isso? De acordo com os especialistas no assunto, citados por Piedra (2010 – tradução nossa<sup>11</sup>), insulta-se para

<sup>9</sup> O vídeo está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ckENYnwrBEQ&ab\\_channel=Poder360](https://www.youtube.com/watch?v=ckENYnwrBEQ&ab_channel=Poder360).

<sup>10</sup> SAID, Flávia. Sangue, fezes e urina no Planalto poderão identificar vândalos. **Metrópolis**, Política, 9 jan. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/sangue-fezes-e-urina-no-planalto-poderao-identificar-vandalos>. Acesso em: 27 mar. 2023.

<sup>11</sup> “estas palavras malsonantes se utilizam para ofender, para humillar, para relajarse, como venganza, para liberar estrés, como una forma más de expresión cultural y, en algunos casos, incluso placer” (PIEDRA, 2010, p. 13-14).

ofender, humilhar, rebaixar, aborrecer, vingar-se, queixar-se contra o poder, liberar estresse e até por simples prazer.

A exemplo, conforme registra Meneses (2001), as grosserias podem representar “uma válvula de escape para a tensão pela qual passamos”<sup>12</sup>, visto que, por meio dessa forma de se expressar, é possível aliviar sentimentos como raiva, impotência e dor. Segundo Luque, Pamies e Manjón (1997, p. 28 – tradução nossa), a ofensa é “a melhor arma que as pessoas comuns têm para defender-se contra os incessantes esforços de todas as esferas do poder por impor-lhes ideias preconcebidas e hábitos de conduta controláveis”<sup>13</sup>.

Com base nesses pressupostos, considera-se que tanto a simulação de defecar quanto a menção ao ato do apoiador de Bolsonaro que invadiu o STF constituem ações insultuosas, porque contêm ideia ofensiva. Centram-se na escatologia (ação e palavra tabus, disfêmicas), no inospitaleiro, como forma de menosprezar, contestar/repudiar o poder instaurado (o fazer valer as eleições democráticas de 2022).

## 2 O risível e o ridículo

É sabido que o humor esteve em questão nas discussões dos filósofos, desde os tratadistas da Antiguidade até os pesquisadores vinculados à Nova Retórica. Para fundamentar a leitura das charges aqui analisadas, revisitamos algumas dessas reflexões, especialmente as que abordaram o risível e o ridículo. Embora breves e esparsas, as considerações de Aristóteles sobre o risível – o qual pode ser dirigido às pessoas, a palavras e aos atos – permeiam toda a *Retórica* (2015) e podem ser resumidas em duas características ao fenômeno: ser agradável e útil.

No Livro I, o estagirita menciona que, de modo semelhante ao jogo, o que é risível deve ser agradável, tanto de pessoas como de palavras e ações. No livro III, Aristóteles (2015, p. 228) registra que o “ridículo” é útil ao debate e que “(...) é necessário desfazer a seriedade dos oponentes com ironia e a ironia com seriedade”. Desse modo, dentre as formas de provocar o riso, a ironia é considerada uma das mais apropriadas ao orador, em oposição à zombaria.

Posteriormente, os romanos – citem-se especificamente Cícero e Quintiliano –, que herdaram os pressupostos gregos, também se dedicaram à questão, discutindo-a especialmente na oratória. Para Cícero (CÍCERO, 1950), assim como para Aristóteles, o risível é útil e agradável. Em *De l' Orateur*, o autor levanta cinco questões sobre o tema: em que consiste o riso? De que se origina? Convém ao orador provocá-lo? Se convém, até que ponto? Quais os tipos de risível?

No que se refere à primeira pergunta, o autor declara falta de capacidade para responder “o que é o riso por si mesmo, o que o provoca, onde reside, como ele nasce e explode de repente”, desse modo, deixa a resposta “aos cuidados de Demócrito” (CÍCERO, 1950, p. 104-105 - tradução nossa)<sup>14</sup>. Com relação à matéria do riso, segunda questão, o autor diz ser o feio, o disforme, a baixaza física ou moral.

A resposta à terceira pergunta é a de que o orador deve incitar o riso, posto que por meio dele pode tornar o auditório benevolente, relaxando-o durante a discussão de assuntos penosos, enfraquecer o adversário e revelar o caráter do orador admirável pela perspicácia e inteligência. No que concerne à quarta questão, a prática do riso deve ser dentro dos limites do bom senso e da

<sup>12</sup> “Las groserías representan una válvula de escape para la tensión por la que pasamos; al insultar, descargamos a tal grado nuestro enojo, nuestra impotencia, nuestro dolor, que se podría decir que el insulto puede cumplir también una función catártica em el ser humano” (MENESES, 2001).

<sup>13</sup> “es la mejor arma que tiene la gente corriente para defender-se contra los incesantes esfuerzos de todas las esferas del poder por imponerle ideas preconcebidas y hábitos de conducta controlables” (LUQUE; PAMIES; MANJÓN, 1997, p. 28).

<sup>14</sup> [...] ce qu' est le rire en lui-même, ce qui le provoque, où il réside, comment, il naît e éclate tout d'un coup [...] je laisse à Démocrite le soin de l' expliquer (1950, p. 104-105).

adequação. Para o cônsul, não convém que se exceda em piadas sobre assuntos que despertem indignação ou compaixão, como as grandes maldades e desgraças.

A última questão levantada por Cícero (1950) diz respeito às categorias do risível. Conforme o autor, há duas espécies de risível: o que tem origem nas situações e o que decorre das palavras. A primeira delas compreende a narrativa cômica (a partir da qual o orador simula e põe em relevo o modo de ser das pessoas) e a imitação cômica (na qual o orador salienta alguma deformidade que provoque o riso). A segunda categoria, que provém das palavras, abrange termos com duplo sentido, o uso de provérbios e de várias figuras, caso da alegoria, da antítese, da paronomásia, da metáfora e da ironia.

Em se tratando das contribuições de Quintiliano (2015) – considerando-se que o teórico se vale de muitas das reflexões de Cícero (1950) –, destacam-se os objetos do riso, no caso, o orador, os outros e as coisas. Segundo o autor, se os outros são a fonte do riso, o orador repreende, refuta, rebaixa, replica ou engana; se ele mesmo for a fonte, fala sorrindo ou finge dizer coisas absurdas; se as coisas exteriores forem o motivo, concentra-se em mostrá-las disformes ou indignas.

Dos pressupostos da Nova Retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), responsáveis pela revitalização da retórica de base aristotélica, também abordam o tema. Entretanto, ainda que considerem que “o cômico seja um elementotíssimo para conquistar o auditório [...], para firmar uma comunhão entre o orador e o auditório, para efetuar desvalorizações, notadamente para ridicularizar o adversário, para operar diversões oportunas”, os autores enfocam no “cômico da retórica”, ou seja, na “utilização cômica de certos tipos de argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 213).

Conforme os teóricos, o efeito cômico deriva do uso caricaturado de expedientes retóricos habituais e da percepção de um esquema argumentativo abusivo ou canhestro. Desse modo, a construção do ridículo na argumentação procede de uma incompatibilidade ou inadequação de proposições e/ou ações ao que é tido normal ou normativo em certa circunstância. Isso vale não apenas para o orador, mas também para seu adversário. Nesse sentido, se por um lado o orador (propositalmente ou não) pode se tornar objeto do ridículo, por outro, ele pode usá-lo como um meio contra seu adversário.

Em tópico dedicado ao “ridículo e seu papel na argumentação”, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) assinalam que “o ridículo é aquilo que merece ser sancionado pelo riso”, o qual se configuraria em um “riso de exclusão”, aquele que funciona como uma forma de “condenar um comportamento excêntrico, que não se julga bastante grave ou perigoso para reprimi-lo com meios mais violentos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 233). Ainda sobre essa questão, os autores assinalam que:

Será ridículo não só quem se opõe à lógica ou à experiência, mas também quem enuncia princípios cujas consequências imprevistas o põem em oposição a concepções que são naturais numa dada sociedade e que ele próprio não se atreveria a contrariar. A oposição ao normal, ao razoável, pode ser considerada um caso particular de oposição a uma norma admitida” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 234).

Uma forma de o ridículo beneficiar o orador em relação a seus adversários é pela ironia. Esta se evidencia quando o orador sustenta por um momento uma tese contrária àquela que pretende defender. Esse expediente, entretanto, tende a ser eficaz quando dirigido a um público mais delimitado, já que, conforme os autores, para funcionar, é necessário que a opinião do orador seja conhecida e aceita pelo auditório, dado que manifesta seu caráter paradoxal: “se a empregam é porque há utilidade em argumentar; mas, para empregar, é preciso um mínimo de acordo” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 236).

Ainda que muitos dos exemplos usados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) para ilustrar a construção do ridículo tenham cunho humorístico, a aplicação dos pressupostos acaba sendo aprofundada em publicação específica ao assunto, *Le comique du discours* (1974), de Olbrechts-Tyteca. Nela, além de retomar os conceitos introduzidos no *Tratado da argumentação* (1996), a autora reitera que o cômico da retórica serve não apenas para obter às teses do orador, mas também para divertir.

No início, a autora aborda a distinção entre o ridículo e o cômico, atrelando-a ao tipo de riso: o ridículo se associa ao riso de exclusão, enquanto o cômico se relaciona ao riso de acolhimento. Desse modo, assim como em outras teorias sobre o risível, o expediente efetivo no estudo do cômico proposto por Olbrechts-Tyteca (1974) é o riso. Para ela, o riso (incluindo o sorriso, já que haveria uma gradação) excede largamente o cômico e pode ser provocado por formas não discursivas; assume sentidos distintos entre sociedades, culturas e épocas; não é proporcional à intensidade do cômico.

Conforme registra Olbrechts-Tyteca (1974), o cômico da retórica vincula-se à linguagem. Nesse sentido, ao longo da obra, discorre sobre os recursos comumente associados à deflagração do risível, dentre os quais estão o jogo de palavras, os neologismos, a ambiguidade, a etimologia, a hipérbole, a metáfora e a ironia. Recursos já conhecidos e mencionados por outros teóricos. A novidade, ou seja, a contribuição trazida pela estudiosa para a compreensão do discurso risível no âmbito da Retórica estaria na proposta de se utilizarem certos argumentos discutidos no *Tratado da argumentação* (1996) – como o argumento pragmático, a definição, o argumento por reciprocidade, o argumento de autoridade e a dissociação – na análise de enunciados cômicos.

Com base no exposto, é possível ponderar que os oradores utilizam a argumentação pelo ridículo tanto para tornar seus discursos agradáveis (mostrar perspicácia, tornar o auditório atento, benevolente, relaxado) quanto para atacar ou enfraquecer seus opositores. Neste caso, que é o que nos interessa, o ridículo está relacionado ao riso de exclusão, à crítica, funciona como meio de condenar uma conduta excêntrica, que não se julga bastante grave ou perigosa para reprimir com meios mais violentos (cf. OLBRECHTS-TYTECA, 1974).

Tais considerações levam-nos a inserir o ridículo na mais antiga e geral das teorias do humor, a superioridade. De cunho sociológico, nessa perspectiva, o risível seria um sinal da expressão dos sentimentos de superioridade de um indivíduo sobre a fraqueza ou fragilidade dos demais. Ri-se dos outros, de situações que desvelam incompetência, estupidez, desgraças alheias (cf. ATTARDO, 1994). Uma das teses que sustentam isso advém de Aristóteles (1996). Para ele, o risível, vinculado à exposição de um defeito moral (os vícios) ou físico, seria um meio de expressar e provocar sentimentos de desprezo aos que mostram comportamento ridículo.

Outra tese relacionada a essa teoria é sustentada por Bergson (2007). O autor defende que haveria uma função social do riso, que comporia um “gesto social”. “Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantém constantemente vigilantes e em contato recíproco certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; flexibiliza enfim tudo o que pode restar de rigidez mecânica na vida do corpo social” (BERGSON, 2007, p. 15). Conclui: “Essa rigidez é a comicidade; e o riso é o seu castigo” (*idem, ibidem*).

### 3 Do insulto: o ridículo como crítica humorística

Como já comentado, foram selecionadas cinco charges baseadas no ato escatológico e insultuoso do vândalo realizado no dia 8 de janeiro em Brasília. Todas circularam nos perfis dos cartunistas mantidos nas redes sociais, locais de onde foram lidas e reproduzidas. Pode-se pensar nelas numa espécie de gradação da forma como foram representadas. Num extremo, reproduz-se a imagem de modo bastante próximo ao que foi produzida e divulgada, com poucas modificações. No outro extremo, a cena é alterada substancialmente, com a inclusão de elementos que procuram

explicitar os discursos até então sugeridos. Entre os dois polos, há uma contínua modificação da imagem inicial.

O ponto em comum de todas as charges é o registro do insulto e da exposição do ridículo para a formulação da crítica e a produção do humor. Começamos pela exposição e descrição dos casos. O primeiro é o que se manteve bastante fiel à imagem original:

**Figura 2:** Charge de Quinho (INSTAGRAM, 9 jan. 2023)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CnNUd0UPJ7p/>

A charge é de autoria de Quinho (nome como Marcus Ravelli assina suas criações de humor gráfico) e foi produzida no dia seguinte aos ataques. A cena foi mantida. O cartunista reproduziu o homem agachado, com calça abaixada e nádegas à mostra, em cima da base branca onde se acorou. Houve três inclusões. A primeira é a presença de um homem no canto esquerdo, visto ao fundo, em outro ambiente. Percebe-se que ele usa uma capa da bandeira do Brasil e está depredando o local (ele segura algo acima da cabeça e caminha em meio aos destroços). Os outros dois complementos são mais relevantes no tocante à produção do sentido.

A segunda inclusão é a escrita de “democracia” no móvel onde ele está. A palavra dá nome ao alvo do insulto. Nessa leitura ficcional do caso real, uma das marcas do gênero charge, o vândalo efetivamente evacuou. O insulto, portanto, não teria ficado apenas na simulação. O desenho concretiza o que o gesto registrado pela foto apenas sugere. O terceiro acréscimo, e mais relevante, é a presença de um oficial (percebe-se pelo uniforme, o colete à prova de balas e o cacetete) sendo mostrado limpando as fezes do invasor com uma folha de papel higiênico – servido “de bandeja” a ele pela própria autoridade.

Essa cena, hiperbolicamente construída, conota subserviência das forças armadas ao vandalismo ocorrido naquele dia. Muito do que se viu no dia, e se noticiou depois, evidencia um atraso das polícias Civil e Militar no controle do avanço dos invasores. A charge escancara o fato e o interpreta como omissão intencional. A polícia estaria a serviço dos invasores, e não o contrário, possivelmente por compartilharem da mesma pauta reivindicatória. Verbalizando a cena, seria como se o homem estivesse “cagando” (dando de ombros, não considerando) para a democracia e contasse com a cumplicidade – ou até mesmo a subserviência, como comentado – das autoridades armadas.

O segundo exemplo também reproduziu a cena do homem acorado e com a calça abaixada. A mudança se dirige especificamente a um dos elementos da cena, o móvel onde ele estava:



**Figura 3:** Charge de Gilmar (INSTAGRAM, 9 jan. 2023)

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CnLN68zulJa/>

O trabalho é do cartunista Gilmar Machado e também foi veiculado um dia após os atos antidemocráticos. Ele fez um recorte da cena, priorizando a figura do homem acororado e sem calça, com parte do corpo coberta pela bandeira do Brasil. Desse modo, identifica-se, em desenhos, o momento do vídeo que foi reproduzido e tão divulgado após os ataques. O autor fez uma modificação: trocou o móvel branco onde a pessoa estava e pôs uma das cadeiras usadas pelos ministros do STF. Uma delas, naquele dia, foi colocada do lado de fora do prédio junto com um brasão usado em plenário<sup>15</sup>, como se observa em:

**Figura 4:** Foto de cadeira da corte com brasão da República fora do STF (PODER360, 9 jan. 2023)

Fonte: <https://www.poder360.com.br/justica/extremistas-quebraram-plenario-do-stf-e-arrancaram-cadeira/>

O que foi feito, portanto, foi uma fusão de duas das imagens que marcaram os atos de 8 de janeiro. Essa junção de cenas, assim como no exemplo anterior, procura tornar explícito o alvo do insulto. No caso, a instituição STF. Representado pela cadeira e pelo brasão, o Supremo seria o local onde as fezes iriam cair. É uma representação que acentua a crítica, compondo um humor

<sup>15</sup> Informações disponíveis em: <https://www.poder360.com.br/justica/extremistas-quebraram-plenario-do-stf-e-arrancaram-cadeira/>

mais sutil, proporcionado justamente pela composição das duas fotos. Seria como se essa montagem permitisse ler de forma mais clara a real intenção da pessoa.

Os exemplos seguintes ampliaram as modificações, proporcionando outros efeitos de sentido – conceito entendido como o sentido atrelado a uma dada situação e a um dado contexto específico, como descrito por Charaudeau e Maingueneau (2004). Vejamos o terceiro caso:

**Figura 5:** Charge de Renato Aroeira (INSTAGRAM, 10 jan. 2023)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CnNTLELuMpa/>

Há um diferencial na charge de Renato Aroeira, reproduzida na Figura 5, em relação às duas anteriores e à cena. O cartunista representou hiperbolicamente o ex-presidente Jair Bolsonaro na mesma posição (de cócoras, calça arreada, posição de que irá defecar) e com a bandeira do Brasil. A silhueta, mostrada de perfil, e o cabelo são marcas que sugerem ser o ex-candidato a pessoa mostrada ali. A percepção se confirma ao ser lida a legenda, inserida acima do desenho: “Adivinha quem se internou num hospital de Orlando, com dores abdominais?”.

A resposta foi noticiada nos dias que se seguiram à invasão em Brasília. Bolsonaro foi internado em um hospital de Orlando, nos Estados Unidos, na madrugada do dia 9 de janeiro<sup>16</sup>. Segundo o político, o motivo havia sido uma “nova aderência” (faixa que une dois tecidos do corpo) em razão de uma facada, sofrida em 2018. Para Aroeira, o motivo teria sido de ordem intestinal, justificativa usada pelo ex-presidente para se internar mais de uma vez durante seu mandato. A desconfiança é que as idas ao hospital coincidiam com temas delicados de sua gestão.

Essa é uma das interpretações possíveis – e sugeridas – pelo trabalho de Aroeira. Há outras. Colocar Bolsonaro como a figura que estaria “cagando” para a democracia ou as instituições brasileiras evidenciaria ser ele um dos estimuladores do movimento. Após a eleição presidencial, em que saiu derrotado, o político sistematicamente não fez coro contrário a quem questionava a lisura do processo de voto por urna eletrônica ou mesmo de quem se reunia para se pôr contra o pleito e pedindo ação dos militares.

Acampamentos em frente aos quartéis, como o do Distrito Federal, ocorreram passivamente durante os dias finais de sua gestão. Se explicitamente não houve manifestações a favor, também não houve em contrário. Nos bastidores, atribuía-se a grupos ligados a ele o interesse na criação da turbulência sócio-política. Em 30 de dezembro de 2022, ele viajou aos

<sup>16</sup> Informações disponíveis em: <https://oglobo.globo.com/blogs/lauro-jardim/post/2023/01/bolsonaro-internado-num-hospital-nos-eua.ghtml>

Estados Unidos e lá permaneceu durante os meses iniciais de 2023. Em entrevista, ele deixou claro que um dos motivos da saída do Brasil foi receio de cumprir mandado de prisão<sup>17</sup>.

O próximo exemplo é um dos dois que modificam a cena inicial, tornando-a parte da charge, e não o elemento nuclear dela:

**Figura 6:** Charge de Benett (INSTAGRAM, 10 mar. 2023)



**Fonte:** <https://www.instagram.com/p/CnQSG0hrsHk/>

A charge de Benett foi veiculada dois dias após os atos de vandalismo aos prédios dos Três Poderes. Talvez esse distanciamento da data, ainda que curto, tenha permitido a percepção de que a cena estava sendo usada por outros colegas e que, em caso de apropriação dela, caberia pensar em outra possibilidade de apropriação para a construção da crítica e do humor. A saída encontrada por ele foi semelhante à da Figura 3, a da fusão de dois fatos. A diferença é que o segundo evento foi registrado durante a Segunda Guerra Mundial. A imagem que segue ratifica a leitura feita aqui.

<sup>17</sup> Informações disponíveis em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-e-os-seus-sabem-o-que-fizeram-no-verao-passado-diz-dino-sobre-risco-de-prisao/>

**Figura 7:** Foto de Batalha de Iwo Jima (1945)

Fonte: <https://www.2guerramundial.com.br/batalha-de-iwo-jima/>

Trata-se da foto em que fuzileiros navais norte-americanos hasteavam uma bandeira de seu país de origem em Iwo Jima, no Japão, após intensos combates. O registro foi feito em fevereiro de 1945 e se tornou uma das referências visuais do conflito<sup>18</sup>. A cena funciona como uma metáfora na charge. Os seis fuzileiros dão vez a meia-dúzia de soldados bolsonaristas – identificados pelo uso de camisas amarelas e da apropriação simbólica da bandeira brasileira, elementos que os identificaram durante a gestão de Bolsonaro e, ainda mais diretamente, durante o período eleitoral de 2022.

O que eles erguem não é apenas a bandeira brasileira. Mas o homem com a bandeira, o mesmo da cena registrada em 8 de janeiro. E na mesma posição, com a calça igualmente abaixada. É como se aquela pessoa representasse o grupo e seus ideais. Ideias que seria o de desacreditar a democracia e as instituições de poder brasileiras, conforme estipulado pela Constituição Federal. A forma como o desenho foi representado escancara os motivos frágeis que sustentaram – ou instigaram – os ataques em Brasília. É uma situação que beira o ridículo. Do ridículo produz-se o humor e, do humor, constrói-se a crítica.

Observemos o quinto e último caso a ser descrito, uma vez mais de autoria de Quinho. A charge também dista dois dias da data dos atos de vandalismo. E também altera bastante o conteúdo, seguindo o comportamento de modificações graduais da cena original:

<sup>18</sup> Informações disponíveis em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/03/fotografia-segunda-guerra-mundial-iwo-jima-bandeira-americana-rosenthal>

**Figura 8:** Charge de Quinho (INSTAGRAM, 10 mar. 2023)

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CnNWQxeuKml/>

Apresentando os personagens representados. Do lado esquerdo, é mostrado o governador eleito de Minas Gerais, Romeu Zema, e, em volta da cabeça dele e montado em seus ombros, Jair Bolsonaro, com as mãos sinalizando armas, uma de suas marcas. Zema foi um dos principais apoiadores de Bolsonaro no segundo turno da eleição presidencial de 2022. “Uai, que trem mais esquisito!”, diz o político mineiro, cuja fala foi marcada pela gíria “trem”, tão comum no estado (significa um hiperônimo genérico, tal como “coisa”). “Cumé cuns troço desse acontece, né?”, questiona a si mesmo, olhando na tela da TV charge quase idêntica à de Quinho veiculada na véspera – os diferenciais são a ausência do oficial, das marcas de fezes e da palavra “democracia” no móvel onde a pessoa está acorçada.

Uma possível resposta estaria na responsabilização de Bolsonaro no incentivo aos atos. É o que se depreende da presença do ex-presidente montado nele. Seria assim que atos como aquele aconteceriam. A charge apenas teria explicado isso, de forma explícita. A explicitude, vê-se, é um ponto em comum em todos os trabalhos expostos. O que se oculta no insulto, a representação escancara e ridiculariza. O efeito é o de produção do humor, casado com crítica ao fato.

A ridicularização, conforme assinalam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 235), pode ser feita por meio de “engenhosas construções baseadas no que se esforça em criticar”. No caso das charges em análise, observa-se que os cartunistas não precisaram de muito esforço para tecer a crítica, tendo em vista que a cena de que partem já é, por si só, absurda e insultuosa o suficiente, desse modo, bastava reprisá-la, reproduzi-la, repeti-la, fazendo ajustes e inclusões para acentuar ou explicitar determinado aspecto. E foi o que fizeram.

Nesse sentido, a origem ou matéria do risível, de acordo com os pressupostos tanto de Aristóteles (2015) quanto de Cícero (1950) e Quintiliano (2015), não está nas palavras ou no orador, mas, sim, no ato, na situação, nas coisas, isto é, na atitude ultrajante do vândalo bolsonarista que finge defecar como forma de ofensa, de queixar-se contra o poder estabelecido (Lula, um dos oponentes, havia acabado de assumir a presidência). Logo, pela imitação (cômica) da simulação do ato escatológico, os oradores das produções humorísticas põem em relevo a baixaza/indecência do comportamento, digna da ridicularização, do risível. No caso, o ridículo se constrói por si: pela

incompatibilidade da ação ao que é socialmente tido como normal (não é comum defecar em público, filmar e divulgar). O humor advém daí.

Dos expedientes retóricos que explicam como se dá a exploração do ridículo nas charges, destacam-se a metáfora (como mencionado no exemplo da Figura 6) e a hipérbole. Esta permeia todos os exemplos, uma vez que pode ser vista no exagero quando os cartunistas recriam o acontecimento de forma ficcional. Ainda a respeito das técnicas, de acordo com os pressupostos de Olbrechts-Tyteca (1974), a compreensão do discurso risível no âmbito da retórica estaria na proposta de se utilizarem certos argumentos. Nas charges em análise, é o argumento por reciprocidade que exerce esse papel. O recurso consiste em tratar da mesma forma situações que são contrapartes uma da outra, criando uma sensação de simetria que incide sobre o que é comum. Desse modo, podemos considerar: se (para um bolsonarista) não é vergonhoso insultar, também não é vergonhoso (para o chargista) ridicularizar.

Por consistirem em produções crítico-humorísticas assinadas e opinativas, as charges explicitam o ponto de vista de seus autores. Desse modo, se os oradores-cartunistas exploram o ridículo, certamente é porque há uma utilidade em se fazer isso. Não é só para agradar. Dos motivos para incitar o riso (firmar comunhão com o auditório, seja para torná-lo benevolente, seja para diverti-lo simplesmente; revelar o caráter admirável do orador, sua sagacidade e inteligência; enfraquecer o adversário), nota-se que o ridículo é usado para criticar uma conduta excêntrica. Trazê-la à tona não é, portanto, apenas um meio de lembrá-la, mas de rebaixá-la pelo humor. Foi o que se pôde ver nas cinco charges analisadas.

Cabe ponderar se os desenhos não estariam extrapolando no uso do recurso, causando no auditório repulsa, e não humor. Segundo os preceitos ciceronianos, o modo como o ridículo foi explorado nos desenhos seria adequado e estaria dentro dos limites do bom senso, uma vez que o humor das charges não excede sobre temas que despertam indignação ou compaixão, como ocorre quando se refere a grandes maldades e desgraças. Na verdade é o contrário: as produções chárgicas engendram diversão oportuna sobre um comportamento abominável, insultuoso, grave ou perigoso o bastante para ser reprimido de forma mais agressiva.

Sobre a consideração de Aristóteles (2015, p. 228) quanto à utilidade do ridículo no debate – “(...) é necessário desfazer a seriedade dos oponentes com ironia e a ironia com seriedade” –, talvez o mais ajustado para as charges em questão seja pensar que é preciso criticar o insulto com a seriedade do ridículo. Algo parecido com que disseram Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 233): “o ridículo é aquilo que merece ser sancionado pelo riso”. Nesse sentido, como dito, a teoria de humor que explica a produção das charges seria a da superioridade: ao reprisarem a cena ultrajante do apoiador de Bolsonaro fingindo defecar, os oradores-chargistas buscaram, por meio do ridículo, explicitar o quão surreal a cena era e provocar sentimentos de desprezo àquele que mostrou comportamento desviante.

### **Considerações finais**

Este artigo começou com uma pergunta lançada aos historiadores sobre como eles irão, futuramente, referir-se ao que se presenciou no dia 8 de janeiro de 2023 em Brasília. O distanciamento entre o fato e a leitura dele irá permitir análise mais precisa do que, de fato, ocorreu. E como ocorreu. Este texto é redigido ainda no calor dos abalos que puseram o Brasil no epicentro dos olhares do mundo. Apesar da proximidade com os acontecimentos, é seguro afirmar que foi um movimento que procurou se sobrepôr, de forma violenta e autoritária, ao modo como era constituído o poder democrático brasileiro.

Justifica-se, portanto, nomear de ataques antidemocráticos ou mesmo de tentativa de golpe ao Estado democrático de Direito o movimento capitaneado por seguidores do ex-presidente e candidato derrotado, Jair Bolsonaro. Tratou-se de episódio inédito na história democrática do país

e da maior seriedade. Pôs, de fato, em risco e em dúvida, ainda que por algumas horas, os alicerces que sustentam os poderes constitucionalmente instituídos. Ridicularizar um cenário como esse, dada a gravidade, esbarraria em indignação. Por outro lado, atitudes tomadas e registradas pelos próprios invasores configuraram cenas que beiravam o surrealismo, se observadas de um ponto de vista mais racional.

Uma delas foi a que pautou esta análise. Como forma de protesto, um homem, parcialmente coberto pela bandeira do país, sobe em um móvel do recém-tomado prédio do Supremo Tribunal Federal, abaixa a calça e, acororado, simula defecar no local. Não concretiza o ato. Era encenação. Mais: deixa-se ser filmado e comemora após alguns segundos. A cena viralizou nas redes sociais. Ganhou repercussão justamente por seu aspecto singular. Explicitar a situação, no modo como ela foi registrada, acentua a percepção de como a atitude inicialmente insultuosa trazia ares de ridicularização.

Haveria alguma utilidade em pôr em evidência o ridículo de certas atitudes? Este texto buscou mostrar como retoricamente a reprodução do insulto por meio do ridículo pode funcionar como meio eficiente para criticá-lo. Trata-se da confirmação de uma tese antiga, a qual defende que o ridículo pode servir de corretivo. Nesse sentido, o humor pode ser evidenciado como a criação intencional de um objeto risível que visa à adesão do auditório – e não aos ataques feitos aos prédios dos Três Poderes. A charge foi usada como um instrumento – ou um meio – de expor a fragilidade do gesto insultuoso. E, da fragilidade, criou a percepção risível e humorística dele.

### Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores.).

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel A. Júnior, Paulo F. Alberto e Abel N. Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

ATTARDO, Salvatore. **Linguistic Theories of Humor**. Berlim / Nova York: Mouton de Gruyter, 1994.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

CARMELINO, Ana Cristina. Compreendendo gêneros humorísticos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, Sesc-SP, São Paulo, n. 15, p. 155-174, dezembro 2022.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coord. Trad. de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CÍCERO, Marcus Tullius. **De l' Orateur**. Livre deuxième. Trad. de Edmond Courbaud. 4. ed. Paris: Les Belles Lettres, livre II, 1950.

GUÉRIOS, Mansur R. F. **Tabus linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

KRÖLL, Heinz. **O eufemismo e o disfemismo no português moderno**. Portugal: Bertrand, 1984.

LUQUE, Juan de Dios; PAMIES, Antonio; MANJÓN, Francisco José. **El arte del insulto**. Barcelona: Ediciones Península, 1997.

MENESES, Margarita Espinosa. Algo sobre a história dos palavrões. **Razón y Palabra** – Primera Revista electrónica en América Latina Especializada en Comunicación, out-nov. 2001. Disponível em: [http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n23/23\\_mespinosa.html#me](http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n23/23_mespinosa.html#me). Acesso em: 27 mar. 2023.

OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Le comique du discours**. Bruxelles, Belgique: Editions de l'Université de Bruxelles, 1974.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIEDRA, Víctor de la. **El libro de los insultos**. Barcelona: Océano, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

QUINTILIANO, Marco Fabio. **Instituição Oratória**. Tomo II. Trad. e notas de Bruno Fregne Bassetto. Campinas, SP. Ed. Unicamp, 2015.

Submetido em 29/03/2023

Aceito em 21/07/2023